

NECRÓPOLE LUSITANO-ROMANA COM INCINERAÇÕES DE MONTE SARDINHA (S. FRANCISCO DA SERRA)

por **Lúisa Ferrer Dias**
e **João Rosa Viegas**

LOCALIZAÇÃO

Segundo a Carta Corográfica de Portugal na Escala 1 : 50 000, folha 42 A (Grândola) na edição de Setembro de 1966 do Instituto Geográfico e Cadastral, encontramos as seguintes coordenadas para o prédio urbano designado «SARDINHA» ou «MONTE SARDINHA» :

8° 42' 52,7" W. de Greenwich

(a que corresponde, na Carta dos Serviços Cartográficos do Exército na Escala 1 : 25 000, folha 505 na edição de 1944, 0 graus e 25 minutos E. de Lisboa, Observatório do Castelo),

38° 05' 30" Norte.

A necrópole, objecto desta notícia, situa-se a uns duzentos metros para Nornoroeste do ponto acima determinado, próxima à estrada conhecida por «ramal de São Francisco da Serra para a Costa», que liga a EN 120 (em Cruz de João Mendes) com a EN 261 (ao km. 36,7).

Fica a 120 metros de altitude, nas encostas suaves que, a Sul/Sudoeste da Serra de Grândola, inclinam até à Lagoa de Santo André.

O local pertence à freguesia de São Francisco da Serra, concelho de Santiago do Cacém, Distrito de Setúbal; é propriedade do Senhor Arlindo Pereira e está dado de arrendamento ao Senhor Francisco Miguel Pereira, que reside próximo.

Achamos de interesse informar que, a cerca de 700 metros para Oeste do local da necrópole acima referida, em terreno da propriedade denominada «Figueirinha», existem à superfície abundantes vestígios do que teria sido uma habitação romana, entre os quais observámos cerâmica do século primeiro.

CIRCUNSTÂNCIAS DO ACHADO

Durante o mês de Outubro de 1974, quando pela primeira vez procediam à lavoura de uma courela de terra na parte rústica do «Monte Sardinha», a charrua trouxe à superfície alguns fragmentos de cerâmica, vidro e escória de ferro, bem como carvões e cinzas que continham pequenos fragmentos de ossos.

Em face destes vestígios, Heliodoro Francisco Garvão Pereira, aluno do ensino secundário em Santiago do Cacém e filho do rendeiro do terreno, contactou com Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, arqueólogos do Gabinete da Área de Sines. Estes visitaram o local em meados de Dezembro de 1974 e, em face dos materiais visíveis à superfície, julgaram imediatamente tratar-se de uma necrópole romana com incinerações.

Convidados por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, visitámos a estação, que fotografámos, acordando com o rendeiro a delimitação de uma área suficiente para que ali se proceda a uma escavação. Efectivamente, pensamos haver interesse em que tal se faça, para que se determine o tipo, posição relativa e orientação dos enterramentos.

O estudo dos materiais aqui apresentado confirma a hipótese de se tratar de uma necrópole romana com incinerações e permite estabelecer um **terminus post quem** no reinado de Cláudio.

DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS

A cerâmica comum recolhida pode dividir-se em quatro grupos de fabrico distintos:

1.º — **grupo** — Barro cinzento bem alisado, com muitas areias visíveis à superfície. Embora não se possa falar de engobe, mostra vestígios de ter levado uma aguada argilosa de cor branca amarelada.

1 — **Copa**

Parede muito delgada, carenada; bordo simplesmente arredondado.

Pé oblíquo, bem fadacetado. Duas asas de fita com um sulco longitudinal (1). Fragmentada, incompleta.

Alt. 80 mm., diam. da boca, 80 mm. Ref.: MS. 17. 74.

2 — **Copa**

Parede relativamente espessa em ângulo obtuso; bordo pequeno e revirado para fora; pé moldurado no exterior. Duas asas com um sulco longitudinal (2).

Alt. 59 mm., diam. da boca, 111 mm. Ref.: MS. 1. 74.

(1) Esta peça pode ser considerada de «paredes finas». Cf. paralelo idêntico atribuído ao período claudiano e incluído na tradição da cerâmica cinzenta não engobada dos começos do Império in Maria Teresa Marabini Moeus, *The Roman thin walled Pottery from Cosa, 1948 - 1954*, *Memoirs of the American Academy in Rome*, Volume XXXII, 1973, p. 239, forma LXIII.

(2) Cf. Ops. cit. na nota anterior, p. 180, forma LXI (Cláudio).



Fig. 2 — Local onde apareceram os materiais

2.º grupo — Barro branco sujo, com muitas areias grossas. Superfície apenas alisada.

3 — Bilha

Parede espessa ; bojo ovoide, ombro canelado.

Fragmentada a incompleta, conserva apenas o bojo e o fundo.

Alt. do fragmento, 89 mm., diam. máximo do bojo, 100 mm.

Ref. : MS. 2. 74.

4 — Taça cônica ?

Fragmento. Parede arqueada ; pé em forma de bolacha.

Diam. do fundo — 33 mm. Ref. : MS. 16. 74.

5 — Malga

Fragmento. Parede duplamente curvada imitando o tipo Dragendorf 27 da

«terra sigillata». Engobe rosado claro (3).
Diam. da boca — 92 mm. Ref.: MS. 9. 74.

6 — Malga

Hemisférica: pé em forma de bolacha. Superfície exterior com as estrias de torneamento visíveis.

Fragmentada, incompleta.

Alt. — 61 mm., diam. da boca — 163 mm. Ref.: MS. 3. 74.

7 — Malga

Fragmento. Parede ligeiramente arqueada; pé oblíquo, bem facetado. Fundo exterior formando um mamilo. Superfície exterior alisada e com manchas acastanhadas que tanto podem ser restos de engobe já muito estragado, como manchas provocadas pelo contacto com o solo.

Diam. do fundo — 45 mm. Ref.: MS. S. 74.

8 — Malga

Fragmento. Parede arqueada; pé em forma de bolacha.

Diam. do pé — 52 mm. Ref.: MS. 19. 74.

3.º grupo — Barro cinzento com muitas areias; superfície alisada.

9 — Tijelinha ?

Parede muito espessa, adelgaçando para a orla. Hemisférica, bordo simples. Não possui fundo, pelo que ficamos na dúvida sobre se será uma tijelinha ou uma tampa.

Diam. da boca — 76 mm. Ref.: MS. 6. 74.

4.º grupo — Barro castanho amarelado com muitas areias e partículas finíssimas de mica. Superfície alisada mostrando nalguns casos vestígios de engobe.

10 — Pote

Fragmento. Bordo espesso, vertical, facetado. A superfície possui vestígios de uma aguada de tom alaranjado.

Diam. da boca — 146 mm. Ref.: MS. 8. 74.

11 — Pote

Apenas se conserva um fragmento do bordo em arco, esvasado.

Diam. da boca — 150 mm. Ref.: MS. 10. 74.

(3) Ver paralelo atribuído também a fabrico local in A. Viana, Balsa y las Necropolis de As Pedras d'El Rey, Archivo Español de Arqueologia, Madrid, 1952.

12 — Pote

Fragmento. Bordo vertical, cortado em bisel para o interior; parede muito espessa, arqueada. A ligação do bordo com a parede é marcada por uma carena na face interna. Sinais de fogo, descolorando e estalando a superfície.

Diam. da boca — 75 mm. Ref.: MS. 15. 74.

Além destas cerâmicas, encontraram-se fragmentos de três lucernas; uma das quais é possível identificar como tipo Dressel-Lamboglia 20.

Entre os fragmentos de vidro distinguem-se os que ilustramos na Estampa I, n.º 13 (Ref.: MS. 18. 74). Trata-se de um copo de vidro transparente, com minúsculas bolhas de ar. Copa em U; bordo esvasado e de aresta viva, decorado com linhas incisas. Diam. da boca — 81 mm. Não encontramos paralelo exacto para este copo e dada a grande variedade de formas semelhantes não podemos precisar a sua cronologia dentro dos séculos II e III (4).

Encontrou-se também um prego de ferro — Estampa I, n.º 14 — com 85 mm. de comprimento, de cabeça plana e corpo de secção quadrangular (Ref.: MS. 20. 74).

(4) Cf. J. e A. Alarcão, Vidros Romanos de Conimbriga, 1965, p. 82 e 83, Estampa V, n.º 125.

RÉSUMÉ

Une nécropole d'incinération romaine a été découverte en Octobre de 1974 près de São Francisco da Serra, commune de Santiago do Cacém.

Les auteurs étudient le matériel découvert composé de vases en céramique, et établissent ainsi un **terminus post quem** sous Claude pour cette nécropole.

ESTAMPA I

